



GT 36. Espiritualidades, pluralismo e saúde

Coordenador(es):

Carlos Alberto Steil (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Fátima Regina Gomes Tavares (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 1

Debatedor/a: Carlos Alberto Steil (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Sessão 2

Debatedor/a: Fátima Regina Gomes Tavares (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Sessão 3

Debatedor/a: Nicolas Viotti (CONICET)

A relação entre espiritualidade e saúde é recorrente nas práticas e experiências das mais diversas cosmologias e tradições religiosas. Discutir esta relação, a partir de aportes teóricos e de contextos empíricos diferenciados, é o objetivo do GT aqui proposto. Neste sentido, esperamos reunir trabalhos que abordem as imbricações entre estes dois campos, tendo como foco as mediações rituais, simbólicas e materiais que concorrem para a produção da experiência do sagrado e os agenciamentos terapêuticos que visam alcançar a cura e o bem-estar físico e mental dos praticantes. Ao centrar nosso olhar nos processos de cura, queremos enfatizar as dimensões materiais e corporais da espiritualidade para além da especificidade das tradições ou cosmologias religiosas em que estes processos acontecem. Ao mesmo tempo, queremos compreender o agenciamento terapêutico como indexador da eficácia da espiritualidade e como referência para a sua legitimação social e sua institucionalização em contextos não religiosos. Ou ainda, como ancoragem para a adesão dos praticantes aos coletivos de práticas de espiritualidade e produção de subjetividades específicas no contexto diversificado do pluralismo religioso. Por fim, entendemos que a realidade plural das terapias associadas à espiritualidade requer uma pluralidade de perspectivas analíticas.

Corpo, emoção e saúde mental de praticantes de yoga e meditação

Autoria: Cecília dos Guimarães Bastos (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

O objetivo desta apresentação é discutir as dimensões da espiritualidade relacionadas à emoção e à saúde mental de praticantes de yoga e meditação. Entendo que a transformação por que passam seus corpos, através de técnicas físicas e mentais, envolve a adoção de um específico estilo de vida, "orientalizado" em sua visão de mundo ou maneira de pensar. Ao observar a maneira como técnicas de yoga e meditação se tornaram populares no Ocidente, discuto os processos de reflexividade e racionalidade inerentes a essas práticas com a intenção de compreender as distinções entre holismo e individualismo presentes em seus discursos. Praticantes de yoga e meditação tendem a ritualizar a vida como um todo, não apenas por atribuírem novos sentidos a suas múltiplas experiências, mas por se percebem como continuamente conectados à consciência ou o cosmo. Busco perceber de que maneira, através da investigação fenomenológica da mente e sua transcendência, os praticantes constroem uma identidade baseada no entendimento de sua natureza como o cosmo. Se essas técnicas se constituem de uma variedade individual, privada e introspectiva, nos mesmos termos do individualismo qualitativo de Simmel e Elias, foi buscando entender as contradições envolvidas em suas percepções de self que observo uma noção de comunhão cósmica baseada na inerente articulação entre saúde, corpo e emoção. A proposta é discutir mais



precisamente como uma possível convergência é desenvolvida entre esse holismo e algo que podemos chamar de individualismo, entrando no debate de como essas técnicas se propõem "conscientizar" e "expandir" a mente.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: